**Fim da Frente Ampla, por uma Frente Única democrática e Popular. 19/06/2020

Algumas semanas atrás, a esquerda comemorava a vitória da Frente Ampla quando foi assinado o manifesto “Estamos Juntos”, que supostamente seria em defesa da democracia e dos direitos democráticos. O manifesto, entretanto, destacou-se por dois motivos. O primeiro pelo fato de ter sido assinado tanto por lideranças da esquerda, quanto por articuladores do golpe de Estado contra Dilma Rousseff. As assinaturas vão desde Guilherme Boulos (PSOL) até Fernando Henrique Cardoso (PSDB), com a presença de outros renomados golpistas, como Cristovam Buarque.

Muitos elogiaram o documento. Outros, como o ex-presidente Lula e o PCO, denunciaram que o manifesto não colocava a luta contra o governo Bolsonaro e pela retomada dos direitos retirados pelo golpe. O PCO, acertadamente, foi mais longe e denunciou que a frente apenas resgataria politicamente setores da direita que são diretamente responsáveis por Bolsonaro e o crescimento da extrema-direita. A festa de muitos (não de todos, é claro…) acabou neste final de semana, quando um dos partidos que compõem a frente firmou posição clara contra o impeachment de Bolsonaro: o PSDB. O presidente dos tucanos, Bruno Araújo, disse em entrevista à Folha de S. Paulo, ser contra interromper o governo Bolsonaro, pois isso potencializaria uma crise no País. FHC, o “democrata”, também se colocou contra o Impeachment, mesmo tendo assinado o manifesto abstrato “em defesa de democracia”.

Como afirmou o presidente do PSDB em entrevista à Folha: “Entre Bolsonaro desconhecido e o PT, que nós conhecíamos profundamente, era preferível apostar num fio de esperança, que não funcionou, do que em algo que, na minha concepção e de muitos nossos, também não iria funcionar”. Em outras palavras, contra o PT, era preferível um fascista (e todos no meio político já sabiam quem ele era). A festa dos defensores da Frente Ampla foi mais uma vez golpeada quando, na última segunda-feira, 15, Cid Gomes, irmão de Ciro Gomes - considerado por muitos como seu porta-voz - também colocou-se contra o impeachment de Bolsonaro.

"Eu, pessoalmente, sou contra. A nossa democracia é muito recente, pouco tempo contínua. Ela requer um aprendizado, e o mecanismo de afastar, pressão, impeachment, sempre foi usado por forças dominantes no país", disse em entrevista ao UOL para os colunistas Carla Araújo e Tales Faria. Ou seja, por um lado, o PDT apresenta um pedido de impeachment; por outro lado, um dos senadores do partido (que votaria o pedido no Congresso, uma vez pautado) coloca-se abertamente contra. Não há outra conclusão de que o PDT apresentou o impeachment para ganhar capital político com o crescimento do “Fora Bolsonaro”, mas que na realidade não querem que a medida vá adiante. Oportunismo puro. A pá de cal na Frente ampla veio, nesta segunda feira , 15/06, do que já foi o maior partido do país: o PMDB O deputado federal Baleia Rossi, atual presidente do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), acredita que o momento do país não é propício para a discussão de um possível pedido de impeachment do presidente Jair Bolsonaro. O partido, que tem uma tradição de ser decisivo no Congresso por sua numerosa base, foi fundamental no processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, em 2016. "Entendo que o impeachment desestabilizaria nosso país, então acho que no meio de uma pandemia querer discutir isso é um desserviço ao nosso país, aos brasileiros, às famílias que estão enlutadas", afirmou nesta segunda feira, Rossi em entrevista à CNN Brasil.**